

PANORAMA DAS ECOVILAS NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL

Lays Britto Azevedo¹
Débora Nunes²

RESUMO

Este artigo se propõe apresentar um panorama geral das ecovilas – comunidades intencionais que buscam um modo de vida sustentável – no cenário nacional e internacional, destacando algumas das experiências mais consistentes atualmente, que funcionam como referência para o movimento das ecovilas e demais iniciativas. Busca também apresentar de modo resumido os princípios e práticas norteadoras e de que forma a Rede Global de Ecovilas (GEN) vem contribuindo para o fortalecimento dessas experiências. As ecovilas buscam construir modelos alternativos de vida, tendo a sustentabilidade e a autogestão como base para esse processo. Articulam-se como movimento principalmente através da GEN desde a década de 1990. Fazem parte do movimento por justiça social e ambiental, assim como outras experiências de transição para a sustentabilidade, que cresce a cada dia frente à crise política e ambiental e a problemática em torno da vida nos centros urbanos, a nível mundial. As ecovilas são bastante diversas entre si, organizando-se segundo particularidades locais (culturais, ambientais, filosóficas, religiosas, econômicas, etc), assim como do perfil pessoal e coletivo de seus fundadores e habitantes, de modo que cada uma acaba construindo uma identidade peculiar. Entende-se, nesse texto, porém, que elas partem de uma base comum de princípios e práticas que dá unidade ao movimento, como *o Princípio da Responsabilidade, a Permacultura e a Sustentabilidade Ecológica*.

Palavras-chave: comunidade intencional; ecovila; sustentabilidade.

¹ Mestranda em Desenvolvimento Regional e Urbano pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS. Graduada em Arquitetura e Urbanismo (laysbritto1@gmail.com).

² Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS. Pós Doutora em História das Cidades e Cidades do Futuro (Bangalore University, Índia) (rededeboranunes@gmail.com)

INTRODUÇÃO

As experiências das ecovilas – pequenas comunidades vivendo de modo sustentável, autogeridas e praticando valores diferentes dos da sociedade convencional – vêm se aprofundando, se espalhando pelo mundo e trazendo exemplos inspiradores para quem quer viver de outra forma. Já é reconhecida pela ONU desde 1998 como uma das cem melhores práticas para o desenvolvimento sustentável. Longe da corrida contra o tempo, do consumo irrefletido e da competição, estas comunidades buscam tranquilidade, sonhos, trabalho partilhado e uma vida mais simples. Auroville, na Índia, Findhorn, na Escócia, Damanhur, na Itália, Longo Mai, na França, Cristal Waters, na Austrália, estão entre os exemplos que se destacam no mundo. Há uma rede mundial, a Global Network Ecovillage (Rede Global de Ecovilas – GEN), que congrega muitas dessas experiências que significam projetos pilotos para uma sociedade diferente, funcionando como verdadeiros laboratórios de experimentação de um novo modo de vida.

A necessidade de construir um mundo mais justo, democrático, cooperativo e sustentável exige, politicamente, outro tipo de paradigma, como se verá ao longo desse texto. Porém, também a ciência, em diferentes abordagens, questiona firmemente a validade do paradigma cartesiano-mecanicista instaurado por Descartes (1596-1650) e Newton (1643-1727). Desde o início do século XX, a física, a biologia, a psicologia, a filosofia, a sociologia etc. identificam as fragilidades do paradigma anterior para explicar e viver o mundo e propõem um paradigma emergente, com diferentes denominações: quântico, holístico, sistêmico, complexo, orgânico ou ecológico. A física quântica, nascida no século XX irá iluminar a mudança de paradigma do século XXI, onde esse *novo paradigma* favorece a interdependência, a intuição e a síntese, a cooperação, a qualidade, a conservação dos recursos e o poder compartilhado.

O *novo paradigma* propicia novas formas de pensar, novos valores e novas práticas, que podem ser experimentadas nas práticas das ecovilas. Atualmente é possível identificar cada vez mais iniciativas que surgem como “práticas do futuro emergente”, fundamentadas segundo essa nova lógica: experiências de economia solidária (com seu comércio justo, suas finanças solidárias, suas moedas sociais,

sua produção cooperada), assim como experiências de alianças cidadãos de todos os gêneros, vivências de moradores ecobairros e de cidades em transição, o exemplo do Fórum Social Mundial, de softwares livres e grupos cooperativos de todo tipo. É nesse contexto dos “novos coletivos cidadãos” (NUNES; MALTCHEFF, 2014), que se discutirá a seguir o tema das ecovilas.

1. ECOVILAS

Ecovilas são comunidades intencionais baseadas num modelo ecológico que focaliza a integração das questões culturais e socioeconômicas como parte de um processo de crescimento espiritual compartilhado (BRAUN, 2008, p.39).

São comunidades autônomas formadas por pessoas que escolhem outra forma de vida, oposta ao cotidiano vivido nos grandes centros urbanos, de competitividade, individualismo, consumismo, busca pelo poder e materialismo. Muitas pessoas optam por morar em ecovilas por sentirem necessidade de contribuir para minimizar os danos que a vida contemporânea causa ao planeta, por se identificarem com o estilo de vida e os princípios éticos adotados nessas comunidades: a relação com a Natureza, a relação colaborativa entre os moradores, o modelo político autogerido e, sobretudo, o sentimento de coletividade e pertencimento.

O modo de vida nas ecovilas proporciona aos seus habitantes e visitantes uma consciência ambiental, de si mesmos e os reconecta à Natureza. Cada ecovila se desenvolve de acordo com suas características regionais, adotando técnicas construtivas de baixo impacto, utilizando materiais e recursos locais, buscando uma relação de equilíbrio com o meio ambiente. Fazem reuso de água, produção de alimentos orgânicos, uso de energias renováveis, medicina alternativa, permacultura, dentre outras técnicas a fim de atingir a sustentabilidade em todos os âmbitos (CUNHA, 2012).

Segundo os estudos de CUNHA (2012), a partir de vários exemplos concretos, as ecovilas desenvolvem-se a partir das dimensões cultural-espiritual, social-comunitária, política e técnica-ecológica, buscando, sobretudo uma alternativa de vida em sociedade onde os valores essenciais da vida (cooperação, respeito, solidariedade, etc) sejam resgatados e cultivados proporcionando um desenvolvimento coletivo e pessoal e outra forma de se relacionar com o meio ambiente. Por suas identidades, muitas dessas iniciativas vêm buscando atuar em

rede, de forma a defenderem seus interesses e, principalmente, contribuir para o desenvolvimento do mundo atual, mostrando alternativas.

1.1. REDE GLOBAL DE ECOVILAS (GEN)

A Rede Global de Ecovilas (GEN) surgiu em outubro de 1995, em Findhorn (Escócia), na Conferência “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis - Modelos para o século XXI”, reunião da qual participaram 400 pessoas. Nesse encontro também foi definido o conceito de ecovilas, dessa forma, passaram a se intitular ecovilas aquelas experiências que se sustentavam no âmbito econômico, ecológico e de visão de mundo (que abrange o aspecto espiritual). Na Conferência também surgiu o conceito das dimensões da sustentabilidade, que teve como base os quatro elementos (terra, fogo, ar e água), e foram definidas através da visão coletiva dos participantes sobre o que era necessário ao planeta. Esses conceitos são a base dos princípios que se espera encontrar nas ecovilas de todo o mundo.

A Rede Global de Ecovilas (GEN) é uma rede com o objetivo de conectar e dar suporte a iniciativas sustentáveis, ecovilas, comunidades intencionais, pessoas ecologicamente corretas, iniciativas municipais de transição para a sustentabilidade, dentre outros. A GEN tem como visão contribuir para um mundo de cidadãos e comunidades que possam implementar seus próprios caminhos para um futuro sustentável, e pretende ser uma ferramenta que ajude a construir uma solidariedade mundial. Ela se relaciona com a sociedade civil e governos para garantir avanços como a implementação da Agenda 21, dentre outras metas e soluções para os problemas socioambientais.

A GEN é hoje um dos grandes organismos responsáveis pela articulação das iniciativas de aglomeração humana buscando a sustentabilidade em nível internacional, funcionando como uma aliança. Busca incentivar a prática dos princípios sustentáveis de parceria, troca, intercâmbio e coletividade, para que eles possam se expandir e evoluir cada vez mais, e para que o mundo possa conhecê-las e aprender com elas. Para isso, a GEN possui site com fóruns e informações (<http://gen.ecovillage.org>), a fim de facilitar o compartilhamento e intercâmbio das experiências que pretendem divulgar seus princípios, práticas e estilos de vida. Essa conexão e troca de conhecimentos permite avançar na educação das pessoas em todas as esferas da vida. Para conseguir identificar, coordenar, apoiar os projetos e

iniciativas, interagir com a sociedade e acelerar o processo de mudança para a sustentabilidade, a GEN possui sub redes que estão divididas de acordo com os continentes e demais subdivisões: GEN Austrália, GEN África, GEN América do Norte, GEN América Latina, GENOA (Oceania e Ásia), GEN Europa.

A tabela abaixo foi construída a partir do mapa *mundi* interativo do antigo site da GEN³, onde apresenta um total de 574 experiências cadastradas como ecovilas até o ano 2013, sendo 81 delas na América do Sul. Nem todas as experiências se autodeclaram ecovilas, dessa forma a identificação e classificação das mesmas ainda é um processo. Não há certezas sobre o número de experiências sustentáveis existentes hoje no mundo, nem em cada continente ou país, pois a GEN atua apenas como um organismo integrador das mesmas, e os cadastros são feitos de maneira espontânea e individual por cada comunidade. Muitas experiências ainda se encontram em processo de formação ou consolidação, buscando consistência interna, de modo que conectar-se externamente ainda não é uma prioridade. Sendo assim, a quantidade de experiências desse tipo espalhadas pelo mundo certamente é bem maior do que os números divulgados pela GEN.

Como em outras experiências de criação de redes, observa-se que muitas comunidades que são referências mundiais do mundo das ecovilas, como a citada Fundação Findhorn, na Escócia e a cidade mundial de Auroville, na Índia, não apresentam tantas informações cadastradas no banco de dados da GEN, enquanto outras experiências menores e desconhecidas, como algumas comunidades brasileiras fornecem muito mais informações sobre si mesmas. Além disso, identifica-se em redes sociais e trabalhos acadêmicos diversas ecovilas, tanto brasileiras quanto internacionais, que ainda não se encontram no acervo da GEN. De todo modo, o trabalho da GEN constitui um esforço significativo na reunião dessas informações, e tentativa de integração e apoio efetivo a tais iniciativas.

Número de Ecovilas cadastradas na GEN (Rede Global de Ecovilas)	
Continente/Subcontinente	Quantidade
África	88
América do Norte e América Central	126

³O site da GEN possui um mapa interativo, onde é possível pesquisar determinada experiência sustentável em qualquer parte do mundo. Esse mapa funciona como um banco de dados, onde as comunidades (nem todas são ecovilas) e iniciativas sustentáveis se cadastram e compartilham informações sobre sua experiência, com dados do projeto e suas próprias avaliações sobre suas práticas sociais, ecológicas, econômicas, culturais e participativas.

América do Sul	81
Ásia	53
Europa	194
Oceania	32
TOTAL: 574	
Fonte: Rede Global de Ecovilas. Disponível em: < http://gen.ecovillage.org > Acesso: 2013	

1.2. PRINCÍPIOS E PRÁTICAS DAS ECOVILAS

Há grande variedade entre as ecovilas, de modo que cada experiência se desenvolve de acordo com as particularidades culturais, ambientais, econômicas e sociais relativas ao contexto onde estão inseridas. Certamente, os perfis pessoais dos fundadores e moradores, assim como os arranjos sociais estabelecidos entre eles como coletivo caracterizam o modo de ser de cada ecovila. Para uma melhor compreensão sobre tais comunidades, identificam-se no presente estudo, conceitos, princípios e práticas comuns, que parecem moldar a existência das ecovilas: o *Princípio da Responsabilidade* (proposto por Hans Jonas), a lógica da *Permacultura* (proposta por David Holmgren) e a ideia de uma *Sustentabilidade Ecológica* (proposta por Fritjof Capra).

O filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993) apresenta em sua obra “*O Princípio da Responsabilidade*” um dos conceitos base aplicados nas ecovilas (mesmo que essas não conheçam a obra e seu autor), que demonstra a necessidade de fazer uso dos recursos do planeta sem comprometer o desenvolvimento das gerações futuras. Destaca-se a necessidade de uma ação coletiva para o bem comum: “Age de tal forma que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica sobre a terra” (JONAS, 1995, p.40).

O *Princípio da Responsabilidade* busca uma nova ética face ao contexto atual vivido pela humanidade, de desenvolvimento científico e tecnológico e controle sobre a Natureza e seus recursos, sem uma interação positiva entre essas questões. A ética ecológica também inclui outros princípios como o princípio da prudência, que significa compreender o quanto diversas atividades humanas podem ser nocivas ao meio ambiente e a partir disso agir de forma consciente e equilibrada, buscando gerar o menor impacto possível (FONSECA, 2009).

A problemática ambiental na atualidade aponta a gravidade das ações humanas desconectadas da Natureza ao longo do tempo. Nesse contexto o *Princípio de*

Responsabilidade deixa de ser apenas uma opção ética e filosófica, passando a ser uma base para o equilíbrio entre o homem e a Natureza orientando a busca de um desenvolvimento realmente sustentável e novas perspectivas para cidades no futuro.

Fritjof Capra, por sua vez, em seu incansável trabalho para difundir novos paradigmas, trouxe um conjunto de conceitos que se inspiram no próprio modo como a Natureza sustenta a vida incansavelmente. Assim, a partir da observação e do estudo dos sistemas vivos oriundos de autores diversos (Ilya Prigogine, Humberto Maturana, Francisco Varela, Gregory Bateson, etc) ele chama de Sustentabilidade Ecológica o conjunto de práticas da “teia da Vida”: os ciclos, as redes, as parcerias, a diversidade e a resiliência, sustentadas pela energia solar. Capra convida os que querem viver de forma sustentável a imitar a forma como a Natureza funciona e adotar processos cíclicos, implementar alianças específicas e agir globalmente em rede, respeitar e promover a diversidade de culturas e soluções e prever formas de sobrevivência aos choques, ao stress e às dificuldades, do mesmo modo com a Natureza o faz, sendo resiliente. Tudo isso, necessariamente, reconhecendo o papel vital do sol na teia que reúne as diferentes formas de vida.

A *Permacultura* conceito criado por Bill Mollison e David Holmgren na Austrália, no final da década de 1970, orienta os hábitos e atitudes humanas no caminho para a sustentabilidade em todos os campos. A proposta, partindo do mundo rural, mas aplicada a todas as experiências humanas, é produzir um estilo de vida equilibrado, simples e ecológico. Um dos princípios da permacultura, tal como da proposta de sustentabilidade ecológica de Capra, é a observação e cópia dos processos da Natureza, e, sobretudo, respeito aos mesmos. As relações dentro da permacultura se baseiam na cooperação, partindo do princípio de que os sistemas vivos funcionam em parceria (HOLMGREN, 2013).

Envolvendo práticas agrícolas tradicionais e descobertas científicas contemporâneas, a *permacultura* significa então criar ambientes sustentáveis, favoráveis à vida. Seja no campo ou na cidade, a integração de plantas, animais e humanos de forma mais próxima aos ecossistemas naturais significa perenidade, como só a Natureza sabe fazer. Quando a observamos e integramos seus princípios e significados, é possível planejar e intervir de forma permanente e contribuir para a abundância de alimentos, a conservação do solo e das espécies e o bem estar humano.

Muitas de suas práticas são encontradas nas ecovilas, como a reutilização das águas, construção com materiais locais, o uso de energias renováveis, a agricultura orgânica, a requalificação de ecossistemas degradados, o reflorestamento, o reuso dos resíduos produzidos, o uso de tecnologias de baixo impacto, a responsabilidade comunitária, a policultura, a medicina alternativa, dentre outros.

1.3. EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS DE DESTAQUE⁴

Auroville e Fundação Findhorn estão entre as ecovilas mais antigas e são as maiores referências no movimento das ecovilas, possuindo um nível maior de desenvolvimento em relação à sustentabilidade, ou seja, são aquelas que possuem maior experiência e consistência interna. As particularidades de cada uma revelam como o lugar, o contexto e a cultura influenciam definitivamente no resultado final das experiências.

1.3.1. FUNDAÇÃO FINDHORN

A Fundação Findhorn (Figura 1 a 3) foi uma das primeiras ecovilas a serem formadas e é uma das principais referências internacionais, por conta do seu desenvolvimento sustentável em diversas áreas. Foi criada pelo casal Peter e Eileen Caddy e Dorothy Maclean a partir da experiência de morar em trailers na Baía de Findhorn (Escócia) no ano de 1962. Depois de revitalizar o solo do local, o trio passou a se dedicar à produção de alimentos orgânicos, buscando uma convivência harmoniosa com a Natureza e o desenvolvimento espiritual. Esse estilo de vida chamou atenção de muitas pessoas, que passaram a se aglomerar nas proximidades, primeiro vivendo em trailers e depois construindo as edificações. Assim surgiu a ecovila Findhorn. Todo o restante da infraestrutura que a Fundação possui hoje surgiu gradativamente com o passar dos anos. Hoje vivem lá cerca de 500 pessoas, e a comunidade passou a ser referência em sustentabilidade, educação holística e economia local. Recebem inúmeros visitantes todos os anos, que buscam retiro espiritual e os cursos oferecidos pela Fundação (DA CUNHA, 2012).

⁴Parte das informações aqui presentes tem como fonte o site oficial da Fundação Findhorn (<https://www.findhorn.org/>) e da cidade de Auroville (<http://www.auroville.org/>) salvo quando informado.

Inicialmente, a experiência tinha como base o desenvolvimento espiritual, mas, naturalmente passou a desenvolver tecnologias de baixo impacto que se tornaram mais visíveis quando os problemas ambientais começaram a ganhar evidência no mundo. Hoje, a Fundação possui processo de gestão de água, energia eólica, além de gerar sua própria energia (onde o excedente é destinado à rede pública). As construções de Findhorn possuem características diversas como teto verde, reaproveitamento de materiais (que incluem as famosas casas feitas de barril de whisky), e uso de materiais naturais. Findhorn possui hoje um código para a construção de edifícios, com regras que vão além das convencionais determinadas no Reino Unido. O código inclui desde aproveitamento solar a recomendações bastante rigorosas como tintas orgânicas não tóxicas, conservantes de madeira fabricados sem uso de resina e cola, uso de painéis fotovoltaicos, dentre outros.

A Fundação é uma associação sem fins lucrativos. Os recursos para sua manutenção provêm da venda de diversos produtos produzidos na ecovila como artesanatos, placas fotovoltaicas, produtos orgânicos, além de serviços de saúde e os cursos oferecidos aos visitantes. Os moradores de Findhorn trabalham nas organizações diversas existentes na comunidade (social, cultural, econômica, administrativa). Possui também moeda própria, o Eko, e uma cooperativa para investimentos no parque eólico e melhorias nas casas dos moradores.



Figura 1 a 3 – Vista da Baía de Findhorn, Casa ecológicas e Fundação Findhorn

Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/48806421>>

<<http://claudiakorpadi.com/Findhorn-Foundation>>

<<http://www.findhorn.org/contact-us/media/barrelhouses/#.UggkJ6zNriU>>

Acesso: agosto, 2013.

1.3.2. AUROVILLE

Auroville é uma ecocidade localizada próxima à cidade de Pondicherry, no sul da Índia. Com apoio da UNESCO, foi fundada em 1968 por Mira Alfasa, também

conhecida como “A Mãe”, com base nos princípios da Ioga Integral, desenvolvida por Sri Aurobindo. A cidade foi planejada pelo arquiteto francês Roger Anger, para abrigar 50.000 pessoas, e hoje vivem lá cerca de 2500, de 47 nacionalidades, diferentes culturas, religiões, castas e classes sociais. Auroville foi pensada como a cidade universal, uma cidade ideal dedicada à unidade humana, onde as pessoas viveriam em paz e em harmonia. Mira Alfassa define Auroville como “lugar inalienável, que não pertence a nenhuma nação, um lugar onde seres de boa vontade, sinceros em sua aspiração, poderiam viver livremente como cidadãos do mundo”.

A cidade é uma área em formato circular com cerca de 5 km de diâmetro, e é dividida em zonas que ficam em torno do centro. Essa área central é chamada de “Área da Paz”, onde se encontra o templo Matrimandir. A partir do centro, a cidade se divide em quatro áreas: industrial, residencial, cultural e internacional (Figura 4). A zona industrial possui 109 ha, com pequenas e médias industriais verdes, centros de treinamento, de artes e artesanato e o prédio administrativo de Auroville. A zona residencial possui 189 ha, onde 45% são destinados à construção, 55% a áreas verdes. Nesse local situam-se as residências dos moradores e também as “Guests Houses”, que abrigam parte dos visitantes. A zona cultural possui 93 ha e é o local destinado a edifícios e atividades de pesquisa na área de educação e arte. E por fim, a zona internacional possui 74 ha e reúne os pavilhões nacionais e culturais reagrupados por continente. Essa zona “diplomática” tem como objetivo permitir que as pessoas de todas as partes do mundo possam se expressar, reafirmando o princípio base de Auroville: a unidade na diversidade (CUNHA, 2012).

O Matrimandir é uma grande esfera dourada pousada em um jardim pleno, é o elemento central da cidade, considerado como sua “alma”. A partir desse centro geográfico, tudo o mais se desenvolve. Para os aurovilianos o Matrimandir simboliza a busca da consciência e representa a força central de sua comunidade. Matrimandir significa “Templo da Mãe”, e segundo Sri Aurobindo a “Mãe” é o grande princípio da evolução, a inteligência e consciência da vida, que proporcionará a humanidade ultrapassar suas limitações e atingir a consciência supramental. O Matrimandir é revestido com fina película de ouro contraplacado (exterior) e seu interior é revestido de mármore branco, possuindo internamente apenas uma esfera feita de cristal de vidro, que reflete um raio de sol.

As necessidades de sobrevivência e a relação íntima dos aurovilianos com a Natureza foram a base para o desenvolvimento de muitas tecnologias sustentáveis desde os anos 70: energia solar, eólica e de biomassa; agricultura orgânica e cultivo de plantas medicinais da tradição ayurvédica indiana; construções ecológicas com materiais locais de baixo uso energético; tratamento de águas servidas para reaproveitamento nos jardins e reflorestamento (Figura 7 a 9); reciclagem do lixo; cozinha comunitária a vapor usando o calor do sol e tantas outras pesquisas aplicadas (Figura 5 e 6).

Auroville contribui ao desenvolvimento da construção verde e das práticas de energia renováveis, possuindo, em sua pequena população, pelo menos 20 arquitetos que trabalham nessa linha. Em Auroville se encontram técnicas construtivas ecológicas que variam desde o desenvolvimento de habitações curvas, que favorecem o conforto térmico, até as construções com técnicas tradicionais usando materiais locais. Ao mesmo tempo, a comunidade desenvolveu um sistema educacional e de saúde inovadores, respeitando os princípios fundadores, assim como foram organizados um sistema econômico de partilha e uma governança horizontal.

Os moradores de Auroville também ajudam aldeias vizinhas com o desenvolvimento de infraestrutura, saúde e educação. Sua economia busca ser autossustentável e está em construção, contando hoje com doações dos próprios residentes e de fontes internacionais. Grande parte das atividades geradas não são lucrativas (saúde, atividades rurais, infraestrutura, etc), várias funcionam como um sistema de troca de serviços entre os moradores. A comunidade também vende moda, instrumentos musicais, artesanato e outros produtos desenvolvidos localmente, tendo no turismo sua principal base econômica.

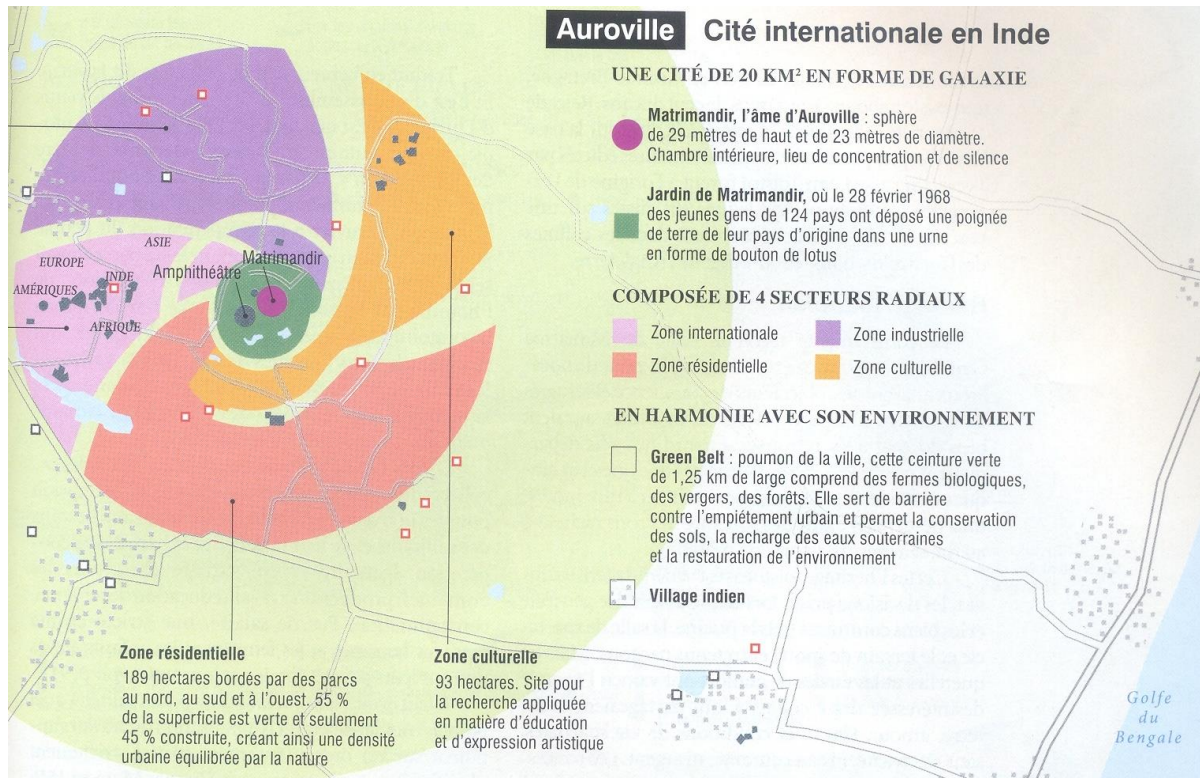


Figura 4 – Zoneamento de Auroville

Fonte: KEMPF, 2012, p. 119



Figura 5 e 6 – Instituto da Terra e Cozinha Solar em Auroville

Fonte:

<<http://ex-tenso.blogspot.com.br/2011/11/auroville-cidade-universal.htm>> Acesso: Agosto, 2013.



Figura 7 a 9 – Energia solar, produção de biogás e reciclagem da água em Auroville

Fonte:

1.4. EXPERIÊNCIAS NACIONAIS DE DESTAQUE⁵

Os exemplos nacionais aqui apresentados resumem diversos aspectos de sustentabilidade encontrados em outras ecovilas brasileiras. De modo geral cada experiência consegue desenvolver melhor a sustentabilidade nas dimensões mais ligadas à sua própria filosofia e propósito enquanto comunidade. As características comuns encontradas são: uso de energias renováveis; processos coletivos de decisão; renda advinda de cursos, hospedagens e venda de produtos; número reduzido de moradores vivendo em grande integração; escolha de áreas rurais com recursos naturais abundantes para potencializar uma vida autosuficiente; respeito à escolha espiritual de cada membro e estilo de vida cooperativo e coletivo. Atuam localmente em projetos diversos, além de estarem em um processo cada vez mais crescente de interação e conexão com outras ecovilas nacionais e internacionais, criando grupos e projetos comuns além de favorecer intercâmbios entre os próprios moradores.

Com relação às ecovilas brasileiras, os exemplos raramente se repetem em trabalhos acadêmicos e publicações sobre o tema, o que evidencia que ainda não é fácil identificar ecovilas com posição de referência no cenário brasileiro, como ocorre com as ecovilas internacionais. Muitas experiências se encontram em processo de formação, experimentação, e poucas em consolidação. Mesmo as mais antigas possuem metade ou ainda menos tempo de existência considerando as experiências internacionais. De todo modo, o Ecocentro IPEC (Goiás) e a Fundação Terra Mirim (Bahia) estão entre as experiências mais antigas e mais estudadas no âmbito nacional.

1.4.1. ECOCENTRO IPEC

O Ecocentro IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado) é uma ONG localizada em Pirenópolis, Goiás. Foi fundada em 1998 pelo casal Lucia Legan e André Soares, numa área de 25ha onde 5ha correspondem ao Ecocentro e 20 ha estão livres visando expansão (Figura 11). Como ocorre com quase todas ecovilas brasileiras, o IPEC possui uma população residente pequena, com grande

⁵ Parte das informações aqui presentes tem como fonte o site oficial do Instituto de Permacultura do Cerrado – IPEC (<http://www.ecocentro.org/>), salvo quando informado.

rotatividade entre os moradores, uma vez que muitos cursos são oferecidos ao longo do ano. Assim, a população é em sua maioria formada por estrangeiros ou brasileiros em estágio, normalmente temporário (CUNHA, 2012).

O IPEC é hoje uma referência no desenvolvimento da permacultura e da bioconstrução⁶ no Brasil e possui articulação com a GEN desde a sua fundação. Busca desenvolver tecnologias de baixo impacto como soluções sustentáveis para o cerrado brasileiro, atuando, sobretudo junto a comunidades da zona rural, bem como demais regiões, através de ações educativas com cursos de capacitação, assim possuem uma conexão com o entorno. Desenvolvem tecnologias na área de saneamento ecológico, uso sustentável da água, bioconstrução, energia renovável, segurança alimentar dentre outros. Sendo assim, as ações relacionadas à educação, tecnologia e ecologia são o foco maior dessa experiência.

Apesar de ter áreas com características sustentáveis desenvolvidas, o Ecocentro IPEC também enfrenta alguns entraves na busca pela sustentabilidade em outros âmbitos, como uma participação tão efetiva nos processos de decisão, por conta da quantidade de pessoas que passam apenas estadias no local a fim de usufruírem dos cursos ofertados. Este é um dos maiores desafios para os moradores mais antigos do Ecocentro IPEC: desenvolver um processo de autogestão mais integrador no que tange às questões a longo prazo referentes à ecovila.



Figura 10 – Implantação do Ecocentro IPEC

Fonte: DA CUNHA, 2012, p.135.

⁶Consideram a sustentabilidade no seu processo de concepção e construção. Busca-se usar materiais locais, incorporar materiais considerados resíduos, aproveitar ao máximo recursos naturais como iluminação e ventilação, incluir saneamento ecológico e máximo aproveitamento da água, etc.



Figura 11 a 13 – Museu de técnicas construtivas de barro, Cozinha Ecoversitária e Biblioteca

Fonte: DA CUNHA, 2012, p.138-139.

1.4.2. FUNDAÇÃO TERRA MIRIM

A 25 quilômetros de Salvador, em Simões Filho-BA, a Fundação Terra Mirim (FTM) é uma comunidade intencional com experiência de mais de 20 anos, que recebe gente de todas as partes do mundo e mantém profundo enraizamento local, cuidando dos rios e da Natureza do entorno. Ali se vive um cotidiano de trabalho colaborativo, alimentação vegetariana e engajamento socioambiental.

A área da FTM corresponde a 2,5 ha, onde 2 ha são destinados ao cultivo de alimentos. A ecovila localiza-se na sub-bacia do rio Itamboatá, afluente do rio Joanes, uma das áreas de proteção ambiental do município de Simões Filho. Atua localmente participando da defesa das questões ambientais e tradicionais da região, atividades educativas com crianças e adolescentes, oficinas de artesanato e trabalhos com produtores das comunidades vizinhas (CUNHA, 2012).

A ecovila foi fundada em 1992, pela xamã e escritora Alba Maria, que ali desenvolve formação e vivências xamânicas de cura individual, coletiva e do planeta. Possui uma população de apenas seis famílias, fato comum nas experiências brasileiras, com menos que 30 habitantes de origens diversas. Muitos são moradores antigos, o que fortalece os laços afetivos e o compromisso com a manutenção da comunidade, além da tomada de decisões coletivas (BISSOLOTTI, 2004).

Possui espaços construídos dedicados aos elementos da Natureza - Terra, Água, Ar e Fogo como veículo de cura e conexão profunda com a Mãe Terra, de modo que a comunidade possui ênfase maior em questões culturais e espirituais. Muitos espaços são destinados para essas atividades e são valorizados pelos moradores. A restauração ecológica é um elemento presente na FTM, bem como a reutilização de

resíduos orgânicos através da compostagem (Figura 14 a 16). Tais práticas, de certo modo, também mantêm uma relação direta com o propósito da comunidade, refletidos no cuidado com as questões ambientais. Outro fator que demonstra o significado dessas ações é o valor da Pegada Ecológica da FTM: 1,7 gha/ano. Está abaixo da pegada brasileira (2,9 gha/ano), mundial (2,7 gha/ano), e do nível máximo para a regeneração da Terra que corresponde a 1,8 gha/ano (CUNHA, 2012).

Diferente do Ecocentro IPEC, e até por sua fundação ainda nos anos 80, na FTM alguns dos espaços existentes não foram construídos com tecnologias de baixo impacto. O que demonstra a dificuldade de se conseguir ser sustentável em todas as ações e âmbitos mesmo em iniciativas como ecovilas. Em outro ponto de vista, porém, mantém um restaurante vegetariano e de predominância orgânica que oferece essa opção para seus estudantes e a comunidade em geral, demonstrando seu compromisso cotidiano com a ecologia.

A Bahia atualmente possui várias comunidades em desenvolvimento e todas recebem visitantes: Piracanga e Aldeia, próximas a Itacaré; Comunidade Solaris, Ilhéus; Ecovila da Mata, Entre Rios; Organização Permacultura e Arte (OPA), Mata de São João, dentre outras⁷. Experimentar o cotidiano de uma dessas iniciativas pode abrir caminhos para revoluções tranquilas que se fazem no íntimo de cada um e constroem mudanças de impacto global.



Figura 14 a 16 – Casa do Sol, Espaço do Fogo e Minhocário

Fonte: Acervo Próprio

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁷Com relação às ecovilas baianas, apenas a Fundação Terra Mirim, Piracanga, Aldeia e Comunidade Solaris encontram-se cadastradas na Rede Global de Ecovilas.

Se a criação de ecovilas já tem mais de meio século, sua integração como movimento é uma experiência recente, marcada, sobretudo pela criação da Rede Global de Ecovilas na década de 1990. Inicialmente, a partir da década de 1960, tais comunidades se formavam e viviam isoladas experimentando novas formas de vida, tentando estabelecer bases sólidas engendradas intuitivamente numa nova visão de mundo. Hoje elas começam a se integrar no que pode ser chamado de “práticas do futuro emergente”, baseada em um *novo paradigma, holístico, ecológico, sistêmico*. Se no princípio não se viam necessariamente como forças transformadoras para além de seus limites geográficos, hoje são cada vez mais interconectadas e atuantes no mundo.

É verdade que existe ainda grande dispersão de informações e poucos trabalhos científicos elaborados sobre o tema, além da dificuldade de contato direto com tais comunidades dispersas geograficamente. Assim, experiências consistentes podem ser quase desconhecidas, enquanto outras que ainda não foram consolidadas acabam por interagir de modo mais efetivo em redes sociais, por exemplo. Isso demonstra que o nível do potencial do movimento das ecovilas ainda não pode ser claramente definido, pois as experiências estão em processo, até mesmo quando se trata de interação e conexão. Mesmo a GEN, que é hoje uma das redes que reúne as experiências sustentáveis no mundo, passa por um processo de busca de melhor articulação e desenvolvimento de suas ferramentas a fim de potencializar esta interação e difundir tais experiências.

De todo modo, esse processo está em constante expansão e as ecovilas constituem um esforço real de seus habitantes no sentido de uma mudança ética e de consciência dos próprios atos e de seu papel dentro do ciclo da vida, materializados na mudança de hábitos e nova forma de interação social. Além de um esforço individual, e ao mesmo tempo coletivo, na busca por uma nova lógica de vida que resgate de forma verdadeira valores como respeito, cooperação, espírito de coletividade, humildade.

Através dos exemplos aqui destacados brevemente, é possível notar que não há um desenvolvimento de todas as dimensões da sustentabilidade em uma ecovila, essa meta comum ainda é um processo perseguido por tais iniciativas desde a fundação. Atingir a sustentabilidade em todos os âmbitos e atividades produzidas dificilmente

se torna viável, pois em muitos casos ainda há uma interdependência entre processos sustentáveis e insustentáveis. Muitas soluções ainda não foram encontradas para a adequação de vários processos da vida humana na atualidade para uma forma sustentável, de modo que as ecovilas fazem parte desse processo de constante experimentação.

Isso também é percebido nos exemplos internacionais comentados, que, apesar de estarem em um estágio mais avançado de desenvolvimento ainda encontram entraves na busca por uma sustentabilidade plena (no âmbito financeiro, cultural, social, político, técnico, ecológico). Todas essas questões fazem parte do processo de adequação a um novo modo de vida, tendo como base o *novo paradigma*, no qual as ecovilas têm sido reconhecidas entre os modelos com melhores práticas sustentáveis, funcionando hoje como laboratórios de ideias e práticas que fazem a diferença a nível local e global. Essas pequenas revoluções não têm espaço na grande mídia, é preciso procurá-las e, sobretudo, vivê-las, para identificar e acreditar no seu potencial transformador.

REFERÊNCIAS

AUROVILLE – The City of Dawn. Disponível em: <<http://www.auroville.org/>> Acesso: Outubro, 2015.

BISSOLOTTI, Paula Miyuki Aoki. **Ecovilas: Um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade.** 2004. 148f. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2004.

BRAUN, Ricardo. **Novos Paradigmas Ambientais: desenvolvimento ao ponto sustentável.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. **El reverdecimiento del yo: el movimiento ecologista.** La factoría, n. 5, p. 135-158, 1998.

CUNHA, Eduardo Vivian da. **A sustentabilidade em Ecovilas: Práticas e Definições segundo o marco da Economia Solidária.** 2012. 238f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

FINDHORN FOUNDATION. Disponível em: <<https://www.findhorn.org/>> Acesso: Outubro, 2015.

FONSECA, Flaviano Oliveira. **Hans Jonas: ética para a civilização tecnológica.** Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cadernosdeciencias/article/viewFile/852/859>> Acesso: outubro, 2015.

HOLMGREN, David. **Permacultura, Princípios e caminhos além da sustentabilidade.** Tradução Luiza Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

JONAS, Hans. **El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización tecnológica.** Barcelona: Editorial Herder, 1995.

KEMPF, Hervé. **Un monde sans croissance.** L'atlas des utopies. 200 Cartes. 25 Siècles d'Histoire. Le Monde, Hors Série, Paris, v.24, n.1, p.116 – 117, out/2012.

NUNES, Débora; MALTSCHEFF, Ivan. **Os novos coletivos cidadãos.** Simões Filho: Editora Kalango, 2014.

Rede Global de Ecovilas. Disponível em: <<http://gen.ecovillage.org>> Acesso: Outubro, 2015.

Casa ecológicas da Fundação Findhorn. Disponível em: <<http://www.findhorn.org/contact-us/media/barrelhouses/#.UggkJ6zNrIU>> Acesso: agosto, 2013.

Casa do Sol, Espaço do Fogo e Minhocário. Disponível em: Acervo Próprio.

Energia solar, produção de biogás e reciclagem da água em Auroville. Disponível em: <<http://ex-tenso.blogspot.com.br/2011/11/auroville-cidade-universal.htm>> Acesso: Agosto, 2013.

Fundação Findhorn. Disponível em: <<http://claudiakorpadi.com/Findhorn-Foundation>> Acesso: Agosto, 2013.

Implantação do Ecocentro IPEC. Disponível em: CUNHA, 2012, p.135.

Instituto da Terra e Cozinha Solar em Auroville. Disponível em:<<http://extenso.blogspot.com.br/2011/11/auroville-cidade-universal.htm>> Acesso: Agosto, 2013.

Sede Administrativa, Museu de técnicas construtivas de barro, Cozinha Ecoveritária e Biblioteca do Ecocentro IPEC. Disponível em: CUNHA, 2012, p.138-139.

Vista da Baía de Findhorn. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/48806421>> Acesso: Agosto, 2013.

Zoneamento de Auroville. Disponível em: KEMPF, 2012, p. 119.